



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

3.ª série | Ensino Médio

ESTILO DOS TEXTOS LITERÁRIOS DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE: EFEITO DE SENTIDO DOS TEXTOS LITERÁRIOS DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE: RECURSOS LINGÜÍSTICOS E SEMIÓTICOS QUE OPERAM NOS TEXTOS PERTENCENTES AOS GÊNEROS LITERÁRIOS.

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRITOR 3AEP	DESCRITOR PABES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA	HABILIDADE DA COMPUTAÇÃO RELACIONADA
	D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	EM13LP2 Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.	- Estilo dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Efeito de sentido dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários.	<ul style="list-style-type: none"> Analisar eleitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos. Relacionar visões de mundo e valores culturais ficcionalizados em textos a seus contextos de produção. Relacionar textos e literaturas brasileiras, portuguesa, africana, indígenas e latino-americanas. 	EM13LP3 Produzir apresentações e comentários críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).	- Apreciação do sentido geral dos textos; - Apreciação e réplica dos textos literários das origens à contemporaneidade; - Manifestações literárias.	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar diferentes objetos do campo artístico-literário (livros, filmes, discos, canções, espetáculos e dança, exposições etc.). Produzir textos de apreciação, em diferentes gêneros, linguagens e mídias. 	



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Referências

Material Estruturado:

DA SILVA ASCENSO, João Gabriel. Alianças afetivas contra a tragédia da paisagem unívoca: um olhar sobre o pensamento de Aliton Krenak. **Revista Wirapuru**, 3, ano 2, pp.78-94. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5420314>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DALVI, Maria Amélia; MARCILINO, Ozirlei; Teresa; COSTA, Suzane Lima. **Para ler, ensinar, pesquisar: literaturas indígenas no Brasil**. Contexto, Vitória, v. 1, n. 45, p. 4-12, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/contexto.v1i45.45421>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DANIEL Munduruku. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65141-daniel-munduruku>. Acesso em: 13 de julho de 2025. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

DORRICO, Julie. *A poética do eu-nós*: uma conversa com Julie Dorrico. Entrevista concedida a Cecília Rodrigues. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 69, e6914, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/lj/elbc/a/FRc4fcjrsrgMqvk56xhLbyr?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 de julho de 2025.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. Disponível em: https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_68ccdefa44724e7aaf3feac9d56ecb11.pdf. Acesso em: 13 de julho de 2025.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em: 13 de julho de 2025.

ELIANE Potiguara. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65147-eliane-potiguara>. Acesso em: 14 de julho de 2025. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

FREITAS DOS SANTOS, Ana Paula. **A Identidade indígena: memória e resistência na escrita de Eliane Potiguara**. Boitatá, Londrina, v. 18, n. 36, p. e023013, 2024. DOI: 10.5433/boitata.2023v18.e47973. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/47973>. Acesso em: 13 jul. 2025.

Conjunto de Questões
KRENNAK, Aliton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 27.
MUDURUKU, Daniel. **Memórias de índio: uma quase autobiografia**. Porto Alegre: Edelbra, 2016. p. 151.

MUNDURUKU, Daniel. **Tempo, tempo, tempo**. Disponível em: <https://historiasindigenas.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/3-daniel-munduruku.pdf>. Acesso em: 13 julho de 2025.

REVISTA ACROBATA. **3 poemas de Márcia Kambeba**. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-marcia-kambeba/>. Acesso em: 08 julho 2025.

TABA/ARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena: UKA Editorial, 2018. p. 29.

Contextualização

Caro(a) Professor(a),

Nesta quinzena, as aulas darão destaque à **Literatura Indígena**, campo fundamental para a valorização da diversidade cultural, linguística e histórica dos povos originários do Brasil.

A proposta pedagógica está em consonância com a **Lei nº 11.645/2008**, que torna obrigatório o ensino da **história e da cultura indígena** nas escolas brasileiras. Por meio da leitura e da interpretação de textos de autoria indígena, os(as) estudantes terão contato com narrativas que rompem com estereótipos e colocam os povos indígenas como protagonistas de suas próprias histórias.

Neste material, buscamos evidenciar como a literatura indígena atua na **preservação da memória ancestral, na afirmação das identidades étnicas e no diálogo com temas contemporâneos** como a resistência, a espiritualidade e a relação com a natureza. Trata-se de uma escrita que entrelaça palavra e oralidade, pensamento e território, passado e presente.

Um dos destaques desta proposta são os **Círculos de Leitura: vozes originárias**, que convidam os(as) estudantes a se engajar de forma sensível e crítica com os textos de autores como **Ailton Krenak e Daniel Munduruku**. Os círculos são pensados como espaços de **escuta, partilha e construção coletiva de sentidos**, nos quais a leitura literária é ponto de partida para reflexões sobre **identidade, pertencimento, meio ambiente, preconceito e sabedoria ancestral**. As perguntas sugeridas buscam incentivar a participação ativa e o desenvolvimento do pensamento crítico dos(as) estudantes, promovendo o diálogo respeitoso e a valorização da diversidade de ideias.

Ao longo das atividades, os(as) estudantes serão convidados(as) a refletir sobre diferentes visões de mundo, a reconhecer a força política e poética dessa produção e a ampliar sua compreensão sobre o que é ser indígena hoje. Será um momento importante para **descolonizar o olhar**, promover o respeito à diferença e valorizar os saberes de quem há séculos habita este território.

Esperamos que este material contribua para enriquecer sua prática pedagógica e para fortalecer o compromisso com uma educação **mais plural, crítica e inclusiva**, abrindo espaço para as vozes originárias, que têm muito a ensinar.



Que Todos(as) Tenhamos um excelente Trabalho!

ATIVIDADE 3

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- A) poética, com recursos expressivos e subjetivos, para afirmar identidade e resistência.
- B) formal, marcada por expressões objetivas e distanciamento do eu lírico.
- C) didática, com estrutura explicativa voltada para ensinar sobre a história do Brasil.
- D) técnica, voltada para explicar conceitos antropológicos sobre os povos indígenas.
- E) informal, marcada por gírias, linguagem coloquial e expressões do cotidiano urbano.

Leia o fragmento abaixo do autor Daniel Munduruku.

- 1 O pior é que esta palavra (*índio*) está ligada a duas imagens que misturam dentro da gente: 1. Uma imagem romântica que diz que o ÍNDIO é o bom selvagem que vive na floresta, caçando e pescando numa espécie de eterno domingo paradisíaco; 2. A outra imagem tem a ver com um olhar ideológico difundido pelos que são inimigos dos povos indígenas. Quem nunca ouviu dizer frases do tipo: ÍNDIO é preguiçoso; ÍNDIO é selvagem; ÍNDIO é atrasado; ÍNDIO é covarde; ÍNDIO só atrapalha o progresso e o desenvolvimento, entre outras mais escabrosas? Sei que alguns dos leitores vão dizer que jamais pensaram nisso e que só têm um olhar positivo sobre os tais ÍNDIOS. Mas será que ao verem um ÍNDIO trajando roupas ocidentais, bem formado pela universidade, músico, escritor, advogado, empresário alguém não terá pensado algo como: acho que este aí não é mais índio de verdade embora ele se pareça com um deles. Isso acontece porque está incrustado na mente dos brasileiros este tipo de pensamento. A escola só nos ensinou a desqualificar os povos ancestrais. Ela não nos ensinou a chamá-los pelo nome ou a compreender suas diferentes formas de humanidade. (...)

MUNDURUKU, Daniel. **Tempo, tempo**. Disponível em: <https://historiasindigenas.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/3-daniel-munduruku.pdf>. Acesso em: 13 julho de 2025. Adaptado para fins didáticos. (Fragmento)

ATIVIDADE 4

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem predominante utilizada nesse texto é

- A) técnica, com termos específicos e explicações objetivas voltadas para especialistas.
- B) formal, com um tom dialógico que estabelece uma proximidade com o leitor.
- C) acadêmica, com estrutura e vocabulário formal, comum em pesquisas científicas.
- D) informativa, trazendo dados e descrições sobre os povos indígenas, sem opinião.
- E) regionalista, com expressões típicas de uma região e forte marca de oralidade local.



ATIVIDADE 2

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- poética, marcada por oralidade e subjetividade.
- técnica, apresentada de maneira objetiva.
- formal, caracterizada por linguagem neutra e ausência de envolvimento emocional.
- regionalista, focada em expressões populares e cenários típicos da região.
- informativa, centrada em descrever os diferentes costumes e culturas.

Leia a poesia abaixo da autora **Márcia Kambeba**.

Índio eu não sou

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.
Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha **Uka** me escondi.

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.
Índio” eu não sou.

Sou **Kambeba**, sou **Tembé**
Sou **kokama**, sou **Sataré**
Sou **Guarani**, sou **Arawaté**
Sou **Tikuna**, sou **Surui**
Sou **Tupinambá**, sou **Pataxó**
Sou **Terena**, sou **Tukano**
Resisto com raça e fé.

GLOSSÁRIO

Uka: casa comunitária tradicional dos povos indígenas.

Dizimar: reduzir drasticamente a população ou número de algo, geralmente com o uso da violência.

Kambeba, Tembé, Kokama, Sataré, Guarani, Arawaté, Tikuna, Suruí, Tupinambá, Pataxó, Terena e Tukano: povos indígenas que habitam principalmente o Brasil e, em alguns casos, outros países da América do Sul (como Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Argentina).

Conceitos e Conteúdos

A literatura indígena

PARA INÍCIO DA CONVERSA!

Antes de nos aprofundarmos nas características da literatura indígena, vamos ler o poema *Terra-mulher*, de Eliane Potiguara.

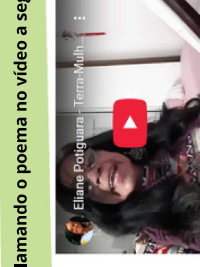
Leitura

66 Terra-mulher

Tu que muito sabes desse mundo
Tu que nesta vida profunda
Com todos os séculos aprendeu a malícia
Como quer que te chame?
Tu que me enganas (suponho) ouvindo parada
Te vejo os que te fingem aos ouvidos
E tua mente chama ainda:
“Não é isso não!”
E tu choras
E tu sofres pela incompreensão
E tu morres
Pelo roubo e assassinato.
Por que ficas parada?
No dia em que rastejaste
E no que apanhaste na cara
Vi a teu lado a miséria e a morte
Companheiras fiéis.
Tu que te banhaste em teu próprio sangue
Não tem coragem de exclamar
Ou tem medo de ser errante?
Tu que sentiste
O racismo na carne
O desprezo dos olhares

A inveja de serem
Pelo menos um minuto
O que hoje és: HONESTA!
Tu calas, mas vejo teu sorriso
Da compreensão deste mundo
Na ruga do pé do olho
No canto da boca rota.
E penso mesmo, talvez...
Que seja, por enquanto, calar e olhar ao redor.
Porque tua mente viaja
E enxerga...
E és nobre por calar-te nesta hora
És humilde e guerreira.
Mas sei que tens uma cachoeira de lágrimas
Dentro do peito
E uma enorme garra na VOZ
Pra gritar esse massacre SEM PAZ
Mas luta, mesmo que não possas falar
Por ora, minha TERRA
Porque ainda estás presa
Nas garras da tua própria história.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, metade Máscara**. Rio de Janeiro: Grumim Edições, 2018, p. 88-89.



Veja a autora declamando o poema no vídeo a seguir. Para acessar leia o QR code ou clique aqui.



Vamos refletir!

- A quem o eu lírico do poema parece se dirigir? Quem é essa "tu"?
- Quais sentimentos aparecem ao longo do poema?
- Você percebe alguma relação entre o poema e a história dos povos indígenas no Brasil?
- Por que a autora fala de "luta", "dor" e "calar" ao mesmo tempo?
- Que trechos mais chamaram sua atenção? Por quê?

O poema de Eliane Potiguara é um exemplo poderoso da literatura indígena contemporânea. Com **sensibilidade e força**, há o convite para refletir sobre a história de dor, de resistência e de dignidade dos povos originários, mostrando uma voz indígena, muitas vezes, silenciada, mas que também é uma voz de **sabedoria, luta e memória ancestral**.



Eliane Potiguara.
Reprodução fotográfica Eduardo Fujise e Gláucio Junior/Itaú Cultural*

Eliane Potiguara (nascida em 1950) é uma influente escritora, poeta e ativista indígena brasileira do povo Potiguara. Pioneira na defesa dos direitos indígenas, foi a primeira mulher indígena a conseguir uma petição na ONU e a atuar ativamente na elaboração da **Declaração Universal dos Direitos Indígenas**. Sua obra literária, que inclui **A Terra é a Mãe do Índio** e **Metade Cara, Metade Máscara**, aborda identidade, feminismo e resistência. Fundadora de movimentos importantes como o Grupo Mulher-Educação Indígena, sua trajetória de luta e contribuição foi reconhecida com o título de doutora honoris causa pela UFRJ em 2021.

*Fotografia disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65147-eliane-potiguara>. Acesso em: 13 de julho de 2025.

LITERATURA INDÍGENA NO BRASIL: VOZES, TEMAS E SABERES

A literatura indígena é a produção artístico-literária feita por autores indígenas, que têm o objetivo de contar suas **próprias histórias, valorizar suas culturas, suas línguas e seus modos de vida**. Mesmo sendo escrita, ela tem uma ligação muito forte com a tradição oral, ou seja, com o costume de passar conhecimentos e histórias por meio da fala, de geração em geração. Para os povos indígenas, escrever também é uma forma de manter viva a memória dos antepassados e lutar por seus direitos, inclusive o direito à educação em sua própria língua.

No Brasil, como um movimento legítimo de **estética, política e identidade**, a literatura indígena aborda uma vasta gama de temas que são **intrínsecos à experiência** e à **cosmovisão dos povos originários**. Esses temas não apenas refletem suas realidades, mas também desempenham um papel crucial na **descolonização do pensamento** e na **reeducação da sociedade** sobre o que significa ser indígena hoje.

O QUE É COSMOVISÃO?

Cosmovisão é o conjunto de crenças, valores e conhecimentos que um indivíduo ou uma cultura usa para entender o universo e seu próprio lugar nele. É a maneira particular como um povo interpreta a realidade, influenciando diretamente seu modo de vida, seus pensamentos e suas relações com o outro e com o mundo. Compreender diferentes cosmovisões, como a dos povos indígenas, é essencial para o respeito às diversas culturas.

Atividades

Leia o fragmento abaixo do autor Alilton Krenak.

A vida não é útil

- Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspender o céu. (...) Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar.

KRENAK, Alton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 27. (Fragmento)

ATIVIDADE 1

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A linguagem utilizada nesse texto é

- técnica, característica de textos acadêmicos sobre povos originários.
- informal, com uso de expressões populares típicas da linguagem oral urbana.
- subjetiva, marcada por um tom filosófico, poético e espiritual.
- jornalística, com foco na descrição factual da vida cotidiana das comunidades indígenas.
- formal, seguindo a norma-padrão para alcançar um público mais amplo e acadêmico.

Leia a poesia abaixo da autora Auritha Tabajara.

Uma menina saudável,
Com o nome a definir,
Vovó a chamou Auritha,
Mas, quando foi traduzir,
Um ancestral lhe contou
"Aryrey" está a vir;

Mas, para se registrar,
Seguiu a modernidade
Com o nome de Francisca,
Pois, para a sociedade,
Fêmea tem nome de santa
Padroeira da cidade.

BAJAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena: UKA Editorial, 2018. p. 29.

Daniel Munduruku: voz indígena, memória viva

A escrita de Daniel Munduruku é marcada pelo **ativismo** e pela **valorização da memória e da identidade indígena**. Ele utiliza a literatura como ferramenta de educação e conscientização, com o objetivo de combater preconceitos, estereótipos e o apagamento dos povos originários. Para o autor, escrever é uma forma de transformar a **memória ancestral em identidade viva**, mostrando que os povos indígenas são presentes e atuantes na sociedade brasileira.

Munduruku acredita que os próprios indígenas devem contar suas histórias, para que elas não sejam distorcidas. Sua escrita reafirma que os povos originários têm **línguas, culturas, filosofias e modos de vida diversos**, e que a literatura impressa pode alcançar públicos que a oralidade não alcança. Ele defende que ser indígena é **compatível com o uso da escrita, da tecnologia e da formação acadêmica**, sem perder suas raízes.



Daniel Munduruku.
Foto: agência Ophelia/Itaú Cultural.*

Daniel Munduruku (1964-) é escritor e educador. Pertence ao povo Munduruku e é uma das principais vozes da literatura indígena no Brasil. Desde a infância, enfrentou o preconceito e a proibição de falar sua língua na escola. É formado em Filosofia, mestre em Antropologia Social, doutor em Educação e pós-doutor em Linguística. Com mais de 50 livros publicados, como *Histórias de Índio*, *Meu Vô Apolinário* e *Karaliba*, sua obra valoriza a tradição oral, a identidade indígena e o respeito à diversidade cultural. Fundou o **Instituto UK'A – Casa dos Saberes Ancestrais** e atua na formação de professores e na defesa dos direitos dos povos originários.

Fotografia disponível em: <https://enciclopedia-itaucultural.org.br/pessoas/65141-daniel-munduruku>. Acesso em: 13 de julho de 2025.

Outras vozes indígenas



Mapa 12 escritores indígenas brasileiros.

Disponível em: https://www.instagram.com/meio_existir/DETeH-X35/. Acesso em: 13 de julho de 2025.

motivo de piada e minha origem era motivo de **chacota**. Isso me deixava muito triste. O engraçado é que eles se pareciam comigo: tinham cara igual a minha, cabelos lisos como os meus, maçãs do rosto **salientes** e até pé chato alguns tinham. Por que eles zombavam de mim?

Sabem quem me esclareceu? Minha mãe. Quando cheguei em casa e contei o que havia acontecido, ela me colocou entre suas pernas, afagou meus cabelos e disse, sem rodeios:

– Eles se acham civilizados, meu filho. Acham que por estarem mais tempo na cidade, já aprenderam tudo e podem fazer mal para as outras pessoas. Não ligue para as bobagens que eles dirigem a você. Mas também não se permita ficar como eles. Seja sempre um bom menino e não deixe que um apelido destrua a bondade de seu coração.

Mamãe falou isso e me deixou brincar. Não pensei duas vezes e corri para encontrar meus amigos verdadeiros, que moravam na mesma aldeia que eu. Eu tinha perto de nove anos. Eu nunca gostei de ser índio.

MUNDURUKU, Daniel. *Memórias de índio*: uma quase autobiografia. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016. p.19-22..

GLOSSÁRIO

Chacota: zombaria, gozação ou piada feita para humilhar alguém.

Salientes: que se destacam, que sobressaem.



Discussão dos textos de Daniel Munduruku.

- O que o avô Apolinário ensina sobre a natureza e os seres vivos?
- Por que o personagem se sentiu mal quando foi chamado de “índio” na escola?
- Como a relação com a família e com a aldeia ajuda o personagem a se fortalecer?
- O que os dois textos mostram sobre respeito à cultura e à identidade indígena?
- Que ensinamentos dos textos você acha importantes para a sua vida e para a escola?

Síntese crítica das leituras realizadas

- O que os textos de Krenak e Munduruku nos ensinam sobre a importância da memória e da ancestralidade?
- Como os dois autores mostram diferentes formas de se relacionar com a natureza e o mundo ao nosso redor?
- Que críticas eles fazem à sociedade atual e ao modo como tratamos o outro e o planeta?
- Depois dessas leituras, o que mudou na sua forma de pensar sobre os povos indígenas e o que você pode levar para sua vida?



Outros autores indígenas e as suas contribuições

- Graça Graúna**: teórica e crítica, destaca a coletividade na voz indígena e vê essa literatura como um “lugar utópico de sobrevivência” para vozes silenciadas;
- Olivio Jekupé**: escritor crítico, usa a literatura para enfrentar a invisibilização e denunciar problemas diários dos povos, considerando a escrita uma “grande arma”;
- Kaká Werá Jekupé**: autor de *A terra dos mil povos*, afirma a tradição indígena como inerentemente literária e busca dialogar com a sociedade não indígena;
- Davi Kopenawa**: xamã, coautor de *A queda do céu*, valoriza a oralidade e o conhecimento ancestral, denunciando a destruição da floresta e a incompreensão do “homem branco”;
- Tiago Hakty**: defende a escrita como reinvenção contra o colonialismo;
- Márcia Wayna Kambéba**: foca no registro de memórias e na circulação da literatura;
- Cristino Wapichana**: contribui para o crescimento comercial da literatura indígena;
- Aline Rochedo Pachamama**: defende a história escrita pelos próprios indígenas;
- Trudulá Dorrico**: pesquisadora, destaca a identidade coletiva e a denúncia da violência contra os povos indígenas;
- Ely Macuxi**: questiona se a escrita é assimilação ou manutenção cultural;
- Marcos Terena**: defensor da voz indígena na escrita e dos direitos constitucionais dos povos indígenas;
- Jaider Esbell**: artista e escritor que provoca reflexões sobre colonização e inclusão/exclusão;
- Letícia Pacheco Tãmba Tremembé**: ensina o orgulho da descendência indígena e denuncia o racismo;
- Aurilho Tabajara**: usa o cordel para autonomia dos povos indígenas e luta contra o preconceito imposto aos povos originários.

Texto IV

66 Nunca gostei de ser índio

Nasci com cara de índio, dizem. Mas, só soube disso depois. Colegas de escolas assim me definiram tão logo me viram chegando com um uniforme apertado fazendo conjunto com um short e um sapato com número menor que meu pé.

Foi uma experiência muito estranha para mim, que me deixou um pouco doído da cabeça, meio traumatizado. É que eu cresci em uma pequena comunidade no interior do Pará. Era uma aldeia, mas lá ninguém se apelidava de índio. Todos tinham nome, sobrenome, parentes, amigos e animais de estimação. O que não tinha era energia elétrica e por isso a vida começava cedo, para aproveitar bem a luminosidade do sol.

Aprendi, com isso, a respeitar a natureza desde que era menino. Aprendi a olhar para o tempo e reconhecer suas mensagens: chuva, sol quente, tempestade, frio, lua cheia ou minguante. Aprendi a respeitar os passos dos outros seres e a não fazer xixi no **igarapé**. Aprendi caçar **calangos** usando armadilhas ou **tacape** e a flechar pequenos animais a uma distância segura. Também aprendi a tomar banho de chuva, nadar com desenvoltura, esculpir meus brinquedos nas **taquaras** e carcos de manga e andar na mata sempre atento aos sinais de perigo.

Apesar de tudo o que sabia, de escola e de amizade confusa nada sabia. Por isso, me zanguei quando minha mãe me obrigou a colocar a tal **farda** para ir à escola.

- É para você aprender coisas novas – ela disse.
 - É para você crescer inteligente – meu pai disse.
 - É para você ficar civilizado – meu irmão mais velho ironizou.
- Quem não disse nada foi meu avô, que ficou olhando de longe um tanto desconfiado.

Observou tudo o que estava acontecendo e depois riu da roupa que eu estava usando. Não foi um riso de deboche, mas eu senti como se fosse. Depois compreendi o que se passou na cabeça dele. Ele sabia o que eu iria passar.

De qualquer maneira, eu estava animado para aquele momento. Muito já ouvira sobre a escola do branco e me passava pela cabeça uma vontade grande de conhecê-la. E foi com esse espírito que aceitei usar aquela farda feia e aqueles sapatos que apertavam meus pés que, antes, eram livres inclusive do mau cheiro que depois eu senti.

Cheguei à escola bem motivado. Meus pés apertados me faziam andar meio torto. Adentrei no prédio disposto a aprender as coisas dos brancos. Logo de cara me deparei com um grupo de colegas. Todos eram um pouco parecidos comigo e senti que poderiam ser meus amigos. Fiquei feliz. No entanto, quando fui me aproximando do local, um deles apontou o dedo para mim e gritou:

– Olha o índio que chegou na nossa escola!!! Olha o índio!
 Você dizer uma coisa e posso até jurar: eu fiquei olhando para todas as partes procurando o tal índio! Achei que era um passarinho que eu não conhecia! Quando eles viram que eu não sabia do que falavam, começaram a rir de mim. Eles acharam que eu era burro ou coisa parecida. Só depois é que me dei conta de que eles falavam de mim.

Pode parecer estranho, mas aquela palavra índio eu não conhecia. Eu não sabia que existia alguém que se chamava índio. Meus pais nunca me chamaram assim; meus irmãos também não; meus outros parentes idem. Era uma palavra que não cabia em meu pequeno vocabulário português. Então, quando meus colegas me deram um apelido. No começo eu até achei que era legal ter um, mas depois fui percebendo que, por causa dele, quase sempre eu era isolado nas brincadeiras, no pátio, na hora do lanche ou nas atividades escolares. Percebi que meu apelido era

GLOSSÁRIO

- Igarapé:** curso d'água pequeno e estreito, típico da região amazônica. É como um riacho ou córrego da floresta;
- Calangos:** pequenos lagartos com uns no Brasil, especialmente no nordeste e norte do país;
- Tacape:** arma tradicional indígena feita de madeira, semelhante a um bastão ou porrete;
- Taquaras:** tipo de bambu fino e flexível, comum no Brasil, e pode ser usado para esculpir;
- Farda:** uniforme escolar obrigatório usado por estudantes.



Mapa 12 escritores indígenas brasileiros Parte II.

Disponível em: https://www.instagram.com/leio_logo_exist/p/DE-FbHTXNrw/. Acesso em: 13 de julho de 2025.

Os mapas foram elaborados pela prof.ª Dra. Márcia Cristina Roque e publicados no perfil do instagram [@leio_logo_exist](https://www.instagram.com/leio_logo_exist).

66 CÍRCULO LITERÁRIO: ENCONTRO DE VOZES ORIGINÁRIAS

Nesta seção, convidamos você a ler e refletir sobre trechos de autores indígenas que compartilham memórias, ancestralidades e modos próprios de ver o mundo. Leia os textos a seguir com atenção e compartilhe as suas impressões com seus colegas ou em rodas de conversa com sua turma.

Texto I

66 As diferentes narrativas indígenas sobre a origem da vida e nossa transformação aqui na Terra são memórias de quando éramos, por exemplo, peixes. Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas — essa mensagem atravessa narrativas de nossos parentes Aínu, que vivem no norte do Japão e na Rússia, dos Guarani, dos Yanomami, dos parentes que vivem no Canadá e nos Estados Unidos. Quem sabe até os mesopotâmios, aquela gente muito antiga, tivessem histórias dessa natureza? Os **ameríndios** e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos.

Quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé”, estão fazendo uma **analogia** com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam

GLOSSÁRIO

- Aínu:** povo indígena que vive principalmente no norte do Japão e na Rússia;
- ameríndios:** termo usado para se referir aos povos indígenas das Américas (Norte, Central e Sul);
- analogia:** comparação entre duas coisas diferentes para explicar uma ideia. No texto, é a comparação entre povos humanos e árvores/florestas.

conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta. Esse sentimento torna a mobilizar pessoas para a ideia, que já ficou **banalizada**, de proteger as florestas. Existem clubes que se associam para proteger um bosque, para criar uma reserva natural, e aqui mesmo um vizinho meu, o Sebastião Salgado, tem um sítio que é o Instituto Terra. Trata-se de uma pequena amostra da região devastada do médio rio Doce que foi manejada com o intuito de mostrar às pessoas que é possível restaurar a floresta. Cada um de nós — não a economia, não o sistema todo — pode atuar positivamente nesse caos e trabalhar, digamos assim, por uma **auto-harmonização**.

Mas, nos últimos quarenta anos, a luta para conter o desmatamento já virou até programa do Banco Mundial, da ONU, e tudo se mostrou ineficaz. Não conseguimos frear o desmatamento no planeta. As únicas florestas plantadas com muita competência e capacidade de volume são as de vida curta, que em seis, oito anos são cortadas para virar celulose. O que estou tentando dizer é que a minha escolha pessoal de parar de derrubar a floresta não é capaz de anular o fato de que as florestas do planeta estão sendo devastadas. Minha decisão de não usar automóvel e combustível fóssil, de não consumir nada que aumente o aquecimento global, não muda o fato de que estamos derretendo. E, quando alcançarmos mais um grau e meio de temperatura no planeta, muitas espécies morrerão antes de nós. Aquele urso branco que passeia no Ártico já está parecendo um cachorro que se perdeu. Está morrendo de fome, a cor dele mudou, está doente, dá dó ver aquele urso. Não acho que foi apelação publicitária usar a imagem dele para mostrar como nós predamos a vida no Ártico.

Foi impressionante, durante a pandemia, como aceitamos a convocatória para ficar em casa e fazer o distanciamento social. Salvo alguns **excêntricos**, todo mundo que pôde concordou com ela. Ora, se somos capazes de ouvir um comando desses, todos ao mesmo tempo, de permanecerem em casa, por que não seríamos capazes de ouvir o comando de parar de predar o planeta? De parar de destruir os rios e as florestas? Esse é um valor **transcendente**.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p.51-52.

GLOSSÁRIO

Banalizada: algo que se tornou comum, trivial, perdendo sua importância ou impacto original. Refere-se a situações ou ideias que, de tanto serem repetidas, perderam sua força ou significado especial.

Excêntricos: pessoas que agem de forma diferente do comum, que não seguem o comportamento esperado pela maioria.

Transcendente: que vai além do comum, que tem importância superior e universal. No contexto, refere-se a um valor que deveria ser mais importante que interesses individuais.

Texto II

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.9.

Discussão dos textos de Ailton Krenak.

- a) Por que Krenak diz que as pessoas foram jogadas num "liquidificador chamado humanidade"? O que ele quer dizer com isso?

Discussão dos textos de Ailton Krenak.

- b) Qual é a importância da memória e da ancestralidade, segundo o autor?
 c) Como os povos indígenas enxergam a natureza e os seres vivos? O que isso ensina para a gente?
 d) O que Krenak quer dizer com a ideia de que "já fomos outras coisas antes de sermos pessoas"?
 e) Que atitudes simples podemos tomar para cuidar do planeta e viver de forma mais equilibrada?

Texto III

O voo dos pássaros

Depois daquele dia no rio voltei a aproveitar a vida da aldeia. Tornei-me alegre e brincalhão com todos. Porém, não consegui mais falar com meu avô, sempre ocupado em atender a outras pessoas. Passei a frequentar mais a aldeia. Pedia para minha mãe ir para lá todo final de semana e, para ajudar a pagar a passagem, eu me esforçava ainda mais na escola e vendia produtos na feira livre. Fiquei apaixonado pelo vô Apolinário.

Num outro final de semana, logo que cheguei ele me chamou e disse que queria caminhar um pouco comigo. Pegou seu **cajado**, que servia de bengala, e saímos andando **a esmo**. Quando chegamos bem perto de uma grande mangueira, ele limpou um espaço no chão e disse para eu me deitar olhando para o céu. Obedeci. Ele também se deitou. Aparentou para o céu e acompanhou com o dedo o voo dos pássaros. Hoje posso dizer que ele era um maestro acompanhando a melodia que os pássaros tocavam lá no céu.

— Os pássaros são porta-vozes da mãe-natureza. Eles sempre nos contam algo. Do futuro ou do presente. O canto do pássaro pode ser um pedido para que você aja com o coração. Sonhar com um pássaro significa que uma **presença ancestral** está mostrando sua força. Há visitas **aladas** que trazem bons **augúrios** e há as que trazem **agouros**. Preste atenção: toda vez que for tomar uma decisão importante, um ser alado aparecerá.

Era sempre assim. Falava pouco. Dizia muito. Eu ainda estava um pouco surdo e não compreendia muito bem o que ele queria dizer, mas guardava tudo no fundo do coração.

Um dia, na beira da fogueira, ele me disse assim:

— Tem coisas que nunca iremos saber porque nossa vida é curta.

Só que elas estão escritas na natureza. As angústias dos homens da cidade têm seu remédio na terra e eles olham para o céu. Quem quiser conhecer todas as coisas tem que perguntar para nosso irmão fogo, pois ele esteve presente na criação do mundo. Ou aos ventos das **quatro direções**, às águas puras do rio, ou à nossa Mãe Primeira: a terra.

E se catava, como se eu tivesse condições de compreender tudo aquilo.

— Nosso mundo está vivo. A terra está viva. Os rios, o fogo, o vento, as árvores, os pássaros, os animais e as pedras, estão todos vivos. São todos nossos parentes. Quem destrói a terra destrói a si mesmo. Quem não reverencia os seres da natureza não merece viver.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória). São Paulo: Studio Nobel, 2001, p.32-33.

GLOSSÁRIO

Cajado: bastão longo de madeira usado como apoio para caminhar. Também pode ter significado simbólico de sabedoria e autoridade;

A esmo: sem direção definida, ao acaso, de forma aleatória;

Presença ancestral: espírito ou força dos antepassados que se manifesta ou influencia a vida das pessoas;

Aladas: que possuem asas, que podem voar;

Augúrios: sinais ou presságios que anunciam coisas boas que vão acontecer;

Agouros: sinais ou presságios que anunciam coisas ruins ou desgraças.

Quatro direções: na cultura indígena, refere-se aos quatro pontos cardeais (norte, sul, leste, oeste), que têm significado espiritual e representam diferentes aspectos da vida e da natureza.